

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

JULIA DE OLIVEIRA MATOS

**DISCURSOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO DARK ROMANCE:
UMA ANÁLISE DE ENUNCIADOS DA PLATAFORMA X**

SÃO CARLOS
2025

JULIA DE OLIVEIRA MATOS

DISCURSOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO DARK ROMANCE:
UMA ANÁLISE DE ENUNCIADOS DA PLATAFORMA X

Monografia de Conclusão de Curso apresentada como
requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em
Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lígia Menossi de Araújo
Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Lívia Falconi

São Carlos
2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

JULIA DE OLIVEIRA MATOS

DISCURSOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO DARK ROMANCE:
UMA ANÁLISE DE ENUNCIADOS DA PLATAFORMA X

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Bacharelado em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Linguística.

Área de concentração: Análise do Discurso

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lígia Menossi de Araújo

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Livia M. Falconi Pires

Data de aprovação: 16/12/2025.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marco Antônio Almeida Ruiz

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Assinatura:

Prof.^a Dr.^a Lígia M. Boin Menossi de Araújo

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Assinatura:

Prof.^a Dr.^a Livia M. Falconi Pires

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Assinatura:

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, por me apoiarem até aqui.

AGRADECIMENTOS

Às minhas orientadoras, professoras Lígia Mara Boin Menossi de Araújo e Livia Maria Falconi Pires por terem me aceitado como orientanda e por toda a ajuda na condução deste trabalho.

Às minhas colegas de curso, Camila e Grazielle, pelo apoio dado durante esses quatro anos de curso e por todas as nossas conversas e risadas.

Aos meus pais, Jefferson e Elihua, que, mesmo sem saber o que significava estudar linguística, me apoiaram em todos os momentos.

Ao meu amor, Henrique, que, por estar em minha vida e ser meu grande amor, me deu forças para continuar.

“a particularidade da análise enunciativa não é despertar textos de seu sono atual para reencontrar, encantando as marcas ainda legíveis em sua superfície, o clarão de seu nascimento; trata-se, ao contrário, de segui-los ao longo de seu sono,”

(Foucault, 1986, p. 139)

RESUMO

O presente estudo volta-se à análise de enunciados retirados da plataforma X, que falam sobre os livros do subgênero *dark romance*. A questão a ser debatida é como esses enunciados tratam a violência contra a mulher presente nesses conteúdos. O objetivo geral da pesquisa foi discutir como a violência e dominação masculina são perpetuadas nos livros de *dark romance* e nos enunciados da comunidade de leitores. Como objetivos específicos, buscou-se: a) examinar quais são os discursos mobilizados por estes sujeitos enunciadore; b) investigar se há a perpetuação da violência de gênero em seus enunciados ou se estes resistem à ela discursivamente. A pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem indutiva, buscando trazer reflexões mais amplas a partir de pequenos recortes. Ao buscar explicar problemas relacionados à perpetuação da violência em um gênero de livros ainda pouco estudado, pode-se também classificar como exploratória. As análises evidenciaram um forte movimento discursivo de denúncia sobre os crimes cometidos contra as mulheres nos livros românticos, e uma tentativa de regular as representações do amor, definindo quais narrativas merecem ser consumidas, quais devem ser repudiadas e quais efeitos morais e psicológicos são atribuídos a cada escolha que colocou a dominação como algo belo e “estético”.

Palavras-chave: Discurso. Violência de gênero. *Dark romance*. Livros. Plataforma X.

ABSTRACT

This study focuses on the analysis of enunciations taken from the platform X that discuss books from the dark romance subgenre. The central question to be debated is how these enunciations address the violence against women present in such content. The general objective of the research was to discuss how violence and male domination are perpetuated in dark romance books and in the enunciations of the readers' community. More specifically, the study aimed to: (a) examine the discourses mobilized by these enunciating subjects; and (b) investigate whether gender-based violence is perpetuated in their statements or whether these statements discursively resist it. The research was conducted through an inductive approach, seeking to generate broader reflections from small analytical fragments. As it aims to explain issues related to the perpetuation of violence within a literary genre that remains understudied, the research can also be considered exploratory. The analyses revealed a strong discursive movement of denunciation regarding the crimes committed against women in romantic novels, as well as an attempt to regulate representations of love by defining which narratives deserve to be consumed, which should be repudiated, and which moral and psychological effects are attributed to each choice that renders domination as something beautiful or "aesthetic".

Keywords: Discourse. Gender violence. Dark romance. Books. Platform X

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exemplo de <i>tweet</i>	21
Figura 2 - <i>Tweet sobre dark romance</i>	23
Figura 3- <i>Tweet sobre dark romance</i>	24
Figura 4- <i>Tweet sobre dark romance</i>	26
Figura 5- <i>Tweet sobre dark romance</i>	27
Figura 6- <i>Tweet sobre dark romance</i>	29
Figura 7- <i>Tweet sobre dark romance</i>	31
Figura 8- <i>Tweet sobre dark romance</i>	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 2	13
2. 1 HISTÓRIA DAS MULHERES	13
2. 2 Dominação masculina	14
CAPÍTULO 3	17
3. 1 SOBRE O X	20
CAPÍTULO 4	22
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a violência contra a mulher presente nos livros do subgênero *dark romance* através de enunciados publicados na rede social X. Este subgênero tem como ideal combinar elementos românticos com temáticas sombrias e perturbadoras, como a violência contra a mulher, assédio verbal e sexual, abusos sexuais e psicológicos, relacionamentos tóxicos, submissão e mais. Segundo o jornal Metrôpoles¹, este subgênero já alcançou mais de 1,4 milhão de publicações apenas no TikTok e outros 1,6 milhão no Instagram, além de uma coleção de livros autopublicados em plataformas e lançados por editoras.

Possuindo raízes que provém do romantismo sombrio — subgênero do romantismo, que buscava mostrar a realidade “crua”, explorando um lado mais pessimista e macabro da condição humana, focando na maldade inerente, autodestruição, culpa, pecado, loucura e o sobrenatural, contrastando com o otimismo romântico tradicional e se misturando com a literatura gótica, tendo como um grande exemplo o autor Edgar Allan Poe —, o subgênero *dark romance* se popularizou muito através de *fanfics* — ficções nas quais os fãs de algum conteúdo, seja ele um livro, filme, uma série, etc., escrevem suas próprias versões deste universo utilizando elementos advindos do conteúdo, como personagens, ambientação, entre outros. No entanto, houve uma grande mudança em seu conteúdo: inicialmente, mesmo em uma ambientação “sombria”, envolvendo, muitas vezes, organizações criminosas, o protagonista masculino tinha como um de seus maiores objetivos proteger e cuidar da protagonista feminina por serem um par romântico, ele entregaria a própria vida para salvá-la; nos dias atuais, esse objetivo mudou, ele passou de “protetor” para um “predador”. Ele deseja possuir a mulher desejada, tanto sexualmente quanto no sentido literal da palavra, tê-la como propriedade, e, para isso, ele a persegue, assume o controle de sua vida, submetendo-a à sua vontade.

Assim, o presente trabalho insere-se no conjunto de reflexões atuais acerca da violência contra a mulher presente em conteúdos literários de romance, sua propagação nas redes sociais, e como algo escrito para um público feminino tem como conteúdo a violência contra este gênero. Neste cenário, a pesquisa que enseja esse Trabalho de Conclusão de Curso

¹ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/entretenimento/dark-romance-usa-temas-tabus-e-violencia-para-ir-contra-a-mesmic>
e.

pretende colaborar com essas reflexões ao focalizar especialmente a questão da dominação masculina em enunciados publicados na internet.

A análise desses enunciados didáticos permitirá discutir como essa violência é propagada por mulheres nestes livros e quais são os discursos que estão em jogo nas discussões que se realizam dentro das comunidades de leitores da rede social X.

O objetivo geral desta pesquisa é discutir como a violência e dominação masculina são perpetuadas nos livros de *dark romance* através da análise de enunciados realizados por membros da comunidade de leitores da rede social X. Para tanto, tem-se como objetivos específicos: a) examinar quais são os discursos mobilizados por estes sujeitos enunciadore; b) investigar se há a perpetuação da violência contra a mulher em seus enunciados ou se estes resistem a ela discursivamente.

Esta pesquisa se justifica porque, apesar de sua popularidade nos dias atuais, ainda não há estudos e trabalhos da área de Análise do Discurso sobre este tema. Além disso, este trabalho ao analisar os enunciados pode contribuir para um entendimento dos sujeitos que participam da “comunidade literária”, principalmente sobre os leitores.

A pesquisa proposta, em termos de método de abordagem, classifica-se como indutiva, uma vez que realiza a análise de casos particulares a fim de trazer reflexões mais amplas, que podem superar o material analisado. Além disso, na medida em que possa contribuir para a clareza dos sujeitos envolvidos na comunidade de leitores, também se pode classificar como exploratória, pois pretende, de certa forma, explicar problemas relacionados à perpetuação da violência em um gênero de livros ainda pouco estudado.

Em termos de sua sustentação teórica, o presente trabalho se alicerça, especialmente, nas contribuições de Orlandi (2009) e Foucault (2000), que explicam e propõem conceitos importantes da área do discurso. Além disso, parte dos estudos de Bourdieu (2002) e D’Incao (2004), para entender a construção da mulher em nossa sociedade e a violência simbólica que ainda persiste.

O trabalho a ser apresentado estrutura-se, além desta introdução, em mais quatro capítulos. No capítulo 1, a seguir, são aprofundadas as referências a partir das quais entendemos o papel da mulher na sociedade e como a dominação masculina se perpetua. No capítulo 2, discorre-se sobre os conceitos teóricos que foram essenciais para a condução deste trabalho de conclusão de curso. No capítulo 3, empreende-se a análise dos enunciados sobre os *dark romances* a partir dos elementos apresentados nos capítulos mencionados acima. E, por fim, o trabalho se fecha com um capítulo conclusivo.

CAPÍTULO 2

Nesta seção falaremos sobre dois livros essenciais para a realização da análise que será apresentada mais adiante, um deles trata da história das mulheres no Brasil — mas utilizaremos, mais especificamente, o capítulo sobre a mulher burguesa brasileira — e o outro sobre a dominação masculina e seu caráter simbólico.

2. 1 MULHER E FAMÍLIA BURGUESA

Como uma das bases para a realização da análise, utilizamos o capítulo “Mulher e família burguesa”, escrito por Maria Ângela D’Incao², que analisa as transformações sociais e culturais do Brasil oitocentista que deram origem a um novo modelo de família, estruturado sob valores burgueses. A autora mostra como a urbanização, a consolidação do capitalismo e a ascensão de uma mentalidade burguesa deslocaram práticas herdadas do sistema patriarcal rural para um modelo em que o lar é o núcleo, centrado na intimidade, na moralidade e na maternidade.

Ao tratar da passagem de uma sociedade rural para uma sociedade burguesa, D’Incao (2004) destaca a reorganização espacial da casa. A residência burguesa se torna mais aconchegante e intimista, marcada por corredores e alcovas que garantiam privacidade e estimulavam uma nova sensibilidade amorosa, que seria reforçada pela literatura romântica. Assim, a arquitetura doméstica se alia ao projeto de privatização da família, acentuando a separação entre as esferas pública (masculina) e privada (feminina).

Um dos pontos principais do capítulo é falar sobre a mudança do papel feminino na sociedade. Com a ascensão da burguesia, a mulher foi retirada da esfera produtiva e confinada ao espaço doméstico, convertendo-se em símbolo da pureza e da retidão. Tornou-se guardiã do lar, responsável pela educação dos filhos, pela vigilância da moralidade e pela manutenção da reputação da família em ambientes sociais, como saraus e reuniões literárias. Nessas ocasiões, sua conduta era constantemente avaliada, não apenas pelo pai ou marido, mas também pela comunidade. Como lembra a autora, “essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada” (D’Incao, 2004, p. 191). O controle, contudo, não era apenas externo: progressivamente, as próprias mulheres foram ensinadas a vigiar a si mesmas, internalizando regras de autocontrole e disciplina.

² Capítulo presente no livro “História das mulheres no Brasil”, de Mary Del Priore.

Ainda segundo D’Incao, 2004, a literatura romântica também teve papel decisivo nesse processo de normatização. Romances urbanos difundiram heroínas que encarnavam os valores burgueses. Carolina, de *A Moreninha* (1844), representa a jovem doce e destinada ao casamento; Aurélia Camargo, de *Senhora* (1875), apesar da aparente autonomia, reafirma no final a centralidade do lar e do amor conjugal; e Lúcia, de *Lucíola* (1862), a cortesã de José de Alencar, encarna a “mulher caída” que só encontra redenção por meio da moralidade e da renúncia. Essas personagens serviram como verdadeiros guias de conduta para jovens leitoras, reforçando a divisão entre a vida pública masculina e a vida privada feminina.

A noção de amor romântico, idealizado e disciplinador, fortalecia a imagem da mulher como centro afetivo da família, ao mesmo tempo que a restringia ao lar. Consumidos avidamente por mulheres, esses romances criaram modelos de comportamento que muitas buscavam reproduzir em suas próprias vidas. Como sintetiza D’Incao: “Ama-se, porque todo o período romântico ama” (2004, p. 195).

Ainda neste capítulo nos é apresentado que a sensibilidade romântica contrastava fortemente com a chamada “sensibilidade tradicional”, vigente no século XVIII. Naquele período, o namoro era público e espontâneo, realizado em adros de igrejas e durante festas religiosas, em meio a encontros coletivos e olhares furtivos. Famílias inteiras, acompanhadas de criados e escravos, participavam dessas cerimônias em um ambiente de sociabilidade festiva. Apesar das tentativas de repressão das autoridades, essa forma de cortejo persistiu. No século XIX, porém, os sentimentos foram privatizados: o namoro passou para o interior das casas, sob vigilância familiar e orientado pelas normas burguesas. O controle só começou a se afrouxar quando as próprias mulheres aprenderam a se autopolicar, internalizando os códigos de conduta e comportamento adequados.

Em síntese, “Mulher e família burguesa” evidencia como a família burguesa instituiu um padrão simbólico de feminilidade que, ao mesmo tempo em que valorizava a mulher como centro afetivo do lar, a confinava ao espaço privado e submetia sua vida à vigilância social. Importa ressaltar, no entanto, que esse modelo dizia respeito sobretudo às elites urbanas, não refletindo a realidade de mulheres pobres, escravizadas ou trabalhadoras. Ainda assim, o ideal burguês tornou-se normativo, influenciando gerações e mostrando como discursos culturais, sociais e literários atuam na produção de modelos de gênero cujos efeitos ainda reverberam em nossa sociedade.

2. 2 Dominação masculina

Neste trabalho, tomamos como aporte, também, o livro “A Dominação Masculina”, de Pierre Bourdieu, o qual discute as origens dos papéis impostos para as mulheres e os homens na sociedade, e o quanto a dominação masculina está incrustada em nossos modos de pensar, comportar, sentir e, o mais importante para esse trabalho com foco no discurso, falar. Para tal, o autor relaciona a cultura ocidental com a cultura do povo Cabila — povo berbere, "homens livres", que habita tradicionalmente a região montanhosa da Cabília, no nordeste da Argélia. Essa sociedade é ordenada por um princípio androcêntrico, no qual masculino e feminino são opostos e assimétricos, o masculino é visto como hierarquicamente superior e construído contra e em relação ao feminino.

O autor argumenta que a dominação masculina não decorre de diferenças biológicas, mas de estruturas sociais e simbólicas que naturalizam práticas hierárquicas. Conforme discute Bourdieu (2002), tais mecanismos operam de forma profunda, atingindo tanto a organização institucional quanto a formação subjetiva dos indivíduos. Um conceito importante para entendermos a dominação discutida é o de “violência simbólica”. Para ele, a dominação masculina seria uma forma particular de violência simbólica, “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento” (Bourdieu, 2002, p. 6). Esse tipo de violência não se apresenta de forma explícita ou coercitiva; ao contrário, manifesta-se como consenso, costume ou “naturalidade”.

Em seu livro, “Bourdieu compreende o poder que impõe significações, impondo-as como legítimas, de forma a dissimular as relações de força que sustentam a própria força” (Senkevics, 2013). E essas relações fortalecem um poder mascarado, que se infiltra no nosso pensamento e na nossa concepção de mundo, pois é reproduzido socialmente, sobretudo, por uma violência simbólica incrustada no nível da linguagem e do pensamento. No contexto das relações de gênero, a violência simbólica atua por meio da linguagem, das expectativas sociais, dos padrões estéticos e das normas que orientam comportamentos femininos e masculinos. Dessa forma, a desigualdade é internalizada não apenas por instituições, mas pelos próprios sujeitos.

Outra categoria fundamental para compreender a dominação masculina é o “habitus”, definido por Bourdieu (2002) como um conjunto de disposições incorporadas ao longo da socialização. Essas disposições orientam ações, percepções e sentimentos de modo não consciente, levando indivíduos a agir conforme esquemas previamente estabelecidos pela sociedade. Assim, quando os dominados realizam ações que vão ao encontro das estruturas que mantêm a relação de dominação, seja consciente ou inconscientemente, por meio de

pensamentos ou atitudes, seus atos são produtos dessa dominação e, portanto, eles reconhecem e se submetem à essas estruturas dominantes, perpetuando-as. Desta forma, no que se refere ao gênero, o habitus atua desde a infância, ensinando os jovens a ocupar diferentes espaços, desenvolver expectativas afetivas e construir suas identidades.

Para ele, a ordem social é uma grande máquina de reprodução da dominação masculina, ela usa a divisão dos sexos como justificativa natural das diferenças construídas entre os gêneros, fazendo a dominação perpassar, ao mesmo tempo, as relações objetivas no mundo, e as relações subjetivas, inscritas em nós, nos nossos corpos e pensamentos, subsidiando esquemas de percepções em que as mulheres quase sempre são colocadas sob o negativo. Ao pensar na oposição entre masculino/feminino, chegamos também a outras dicotomias da sociedade cabila que demonstram a universalidade da dominação masculina, nas quais as mulheres são colocadas como inferiores, como “alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro escuro, fora (público)/dentro (privado)”³, tais dicotomias estão presentes também no âmbito sexual, com ativo/passivo, que se estende inclusive para relações homossexuais. Ainda que esta sociedade pertença a um universo tradicional, ele defende que sua lógica estrutural permite compreender continuidades simbólicas presentes nas sociedades contemporâneas. Possibilitando a identificação da persistência de sistemas classificatórios que reforçam a hierarquia entre os sexos, mesmo em cenários modernizados e formalmente igualitários.

Em suma, a teoria de Pierre Bourdieu nos permite compreender a dominação masculina como um fenômeno estrutural, simbólico e incorporado. Sua obra é de grande importância para estudos que examinam a persistência das desigualdades de gênero e os dispositivos que as sustentam.

³ Exemplos retirados diretamente do livro “A dominação masculina”, p. 12.

CAPÍTULO 3

Neste capítulo, pretendemos pontuar e explicar algumas noções da Análise de Discurso importantes para a realização deste trabalho. Assim, discutiremos sobre discurso, sujeito e enunciado.

Como o próprio nome diz, a Análise de Discurso tem como objeto de seus estudos o discurso, que, em definição própria, é composto por um conjunto de enunciados que compartilham uma mesma estrutura de regras e condições que possibilitam uma validação do conhecimento, por meio dele se dá a produção dos efeitos de sentido entre os locutores. “O discurso me parece, em Michel Pêcheux [...] o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito” (Maldidier, 2003, p.15). É através do discurso que podemos observar o homem falando, realizando a prática da linguagem.

Estes discursos são compostos com base nas ideologias dos sujeitos, é por meio delas que compreendemos a realidade política e social na qual estão inseridos. Por isso, precisamos levar em consideração aquilo que existe no social e na história, pois, conforme estas realidades mudam, também mudam os discursos, eles têm existência na exterioridade do linguístico. Desta forma, uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes dependendo do lugar sócio-histórico no qual seu falante está inserido.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (Orlandi, 2015, p.15).

E não há como falar de discurso sem falar daqueles que o utilizam: os sujeitos. Este em questão não é o indivíduo falante, mas aquele que é afetado pela língua, pela história e pelo social, não tem controle sobre como é afetado por estes elementos, está neste lugar sócio-histórico, marcado ideologicamente por um conjunto de diferentes vozes, daí o seu caráter heterogêneo. “O sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos do que fala, mas desconhece que a exterioridade está no interior do sujeito, em seu discurso está o ‘outro’, compreendido como exterioridade social” (Fernandes; Sá. 2021). Ao falar A, o sujeito discursivo opõe-se ideologicamente ao outro que diz B, ao outro que diz C e assim por diante. E, como resultado dessa heterogeneidade, o sujeito está

sempre em movimento, deslocando-se, ocupando outros lugares no interior dos discursos que atestam suas identidades contraditórias. O sujeito discursivo, em sua pluralidade, inscreve-se em diferentes formações discursivas e ideológicas.

Devido a esses diferentes discursos que derivam de diferentes processos de (trans)formações sociais, chegamos a outro conceito, as formações discursivas. Tais formações revelam as ideologias que as integram. Por exemplo, o uso da palavra “genocida” para se referir ao ex-presidente Jair Bolsonaro, considerando este termo como parte de uma FD, conseguimos saber as concepções de seus sujeitos, os partidos políticos que apoiam, etc. Segundo Orlandi (2015), “as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas”.

Assim, em decorrência da existência de diferentes discursos no interior de toda formação discursiva, podemos afirmar a existência de algo que, na AD, chamamos de interdiscurso. Diferentes discursos advindos de diferentes lugares sócio-históricos que se entrelaçam. É nesta interdiscursividade em que se constituem os objetos de que um sujeito enunciador se apropria para fazer os objetos de seu discurso. Uma formação discursiva também pegou elementos de outras formações discursivas, que pegaram de outras, assim por diante, todos eles possuem enunciados que os antecedem e sucedem, uma FD nunca será homogênea, é sempre formada por diferentes discursos e está suscetível a tornar-se outra. E, para falar de uma formação discursiva, devemos nos referir:

a partir de uma dada posição em uma conjuntura; dito de outra forma, em uma certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico e inscrito em uma relação de classes. Diremos daqui por diante que toda formação discursiva depende de condições de produção específicas, identificáveis a partir do que acabamos de expor. (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 11 apud Baronas, 2020).

Portanto, uma FD pode ser caracterizada por um conjunto de enunciados que possuem a possibilidade de explicitar como cada objeto do discurso tem, nela, seu lugar e suas regras e “como as estratégias que a engendram derivam de um mesmo jogo de relações” (Fernandes; Sá, 2021). Assim, mostrando também como cada um desses enunciados ocupa um espaço em um lugar e em uma época específica, a partir de condições de produção historicamente definidas.

Por fim, chegamos ao nosso último conceito utilizado, o enunciado. Em "A Arqueologia do Saber" (Foucault, 1986), o enunciado é o elemento fundamental da análise do

discurso. É a unidade básica do discurso, não pode ser entendido como uma proposição, da frase ou do ato de fala, mas como uma prática discursiva que se define por um conjunto de regras que regem sua formação dentro de uma formação discursiva. Este é definido não como uma unidade, mas como

uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (Foucault, 1986, p.98).

Ele é um acontecimento singular que irrompe como enunciado, “é uma unidade discursiva complexa, flexível e dependente das condições históricas e sociais que o produzem” (Lima, A. A., et al. p.15).

Não pode ser reduzido à lógica, à língua, aos atos de linguagem ou, como já dito, às proposições, mas se determina a partir de quatro propriedades: (i) o referencial, é ele que define seus aparecimentos e delimitações, formando assim o lugar institucional de onde fala, (ii) relação determinada com o sujeito, sujeito esse que enuncia de uma situação de enunciação determinada, um lugar definido por um sistema construído nas relações sociais, (iii) domínio associado, que consiste em uma rede de formulações. “Tal domínio associado abarca as formulações intradiscursivas, as que se reatualizam e as formulações consequentes, assim, o enunciado ‘entra, pois, em uma rede interdiscursiva de formulação’ (Courtine, 2009, p. 90 apud Falconi-Pires, 2017)”

Segundo Falconi-Pires (2017), o enunciado compreende, em uma perspectiva horizontal, o intradiscurso e, em uma perspectiva vertical, o interdiscurso de uma formação discursiva e, além disso, (iv) apresenta uma existência material, distinta daquela da enunciação. Analisá-lo, então, trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação, de determinar as condições de sua existência, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciado excluem.

Todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas. Ele constitui seu passado, define, naquilo que o precede, sua própria filiação, redesenha o que o torna possível ou necessário, exclui o que não pode ser compatível com ele. Além disso, coloca o passado enunciativo como verdade adquirida, como um acontecimento que se produzia, como uma forma que se pode modificar (Foucault, 1986, p. 141).

Assim, em uma perspectiva foucaultiana, podemos dizer que o discurso é formado por enunciados que se apoiam uns nos outros, operando em sistemas dinâmicos. Ele é uma função vazia que pode ser ocupada por diferentes sujeitos, mas que, ao mesmo tempo, é determinado pelas regras do sistema discursivo no qual está inserido.

3. 1 SOBRE O X

Para podermos analisar o objeto de estudo deste trabalho, os enunciados sobre o gênero Dark Romance, primeiro explicaremos a rede social da qual eles foram retirados, suas características e funcionalidades.

Segundo um levantamento da plataforma de marketing social Semrush⁴, o site e aplicativo X foi uma das plataformas digitais que mais cresceu no Brasil ao longo de 2024, tendo 462,8% a mais de visitas em 2024 do que no ano anterior.

A rede social X, anteriormente chamada de Twitter, foi fundada em 2006, por Jack Dorsey, Biz Stone, Evan Williams e Noah Glass, e, após seis meses de negociações, foi adquirida pelo bilionário Elon Musk em 2022.

Esta rede funciona como um microblog que oferece espaço reduzido de 280 caracteres para o usuário postar sua mensagem em resposta à pergunta “o que está acontecendo?”, e a mensagem, chamada de *tweet* pelos internautas, pode conter, além dos caracteres, imagens, vídeos, emojis e *gifs*.

No X, cada pessoa pode construir um ou mais perfis, e escolher quem irá “seguir” e, caso escolha a opção de ter um “perfil fechado”, por quem será “seguido”. Criando, assim, uma rede de conexões com a qual compartilhará seus *tweets*.

Cada publicação é composta pela foto de perfil de quem está publicando, seus nomes de usuário, uma mensagem escrita e a data de publicação, assim como consta na figura abaixo.

⁴ Informação retirada de matéria publicada no pelo jornal online Meio & Mensagem no dia 11 de fevereiro de 2025.

Figura 1 - Exemplo de *tweet*⁵



Disponível em: <https://x.com/evilbael/status/1896660235584237741>

Tudo que um usuário publica permanece em seu “perfil” uma página própria de cada usuário utilizada como um arquivo com todos os seus *tweets* publicados e informações sobre sua conta, como o número de “seguidores” e de contas “seguidos”. Essa página, assim como em outras redes sociais, pode ser personalizada com uma capa, chamada de *header*, e uma minibiografia, chamada de *bio*, feita pelo dono da conta.

Uma característica importante do X é a forma como as informações são circuladas de forma imediata, os usuários a utilizam para compartilhar notícias e comentários sobre tudo o que acontece em suas vidas e no mundo. “Estamos tratando de uma rede social, de uma rede de conexões, as informações postadas nessa rede alimentaram e alimentam outras mídias” (Falconi-Pires, 2013), como a literária.

⁵ Tradução da autora: “É terror psicológico para você. Para mim, é *dark romance*” (Tradução própria).

CAPÍTULO 4

Para Foucault (2000), o enunciado não é meramente uma frase; ele é uma função discursiva que emerge de condições históricas específicas e que organiza posições de sujeito, um domínio associado e um lugar de onde se fala. Assim, é necessário situar os enunciados a seguir no interior de formações discursivas marcadas por debates contemporâneos sobre violência de gênero, limites éticos da representação e tensões entre ficção, moralidade e saúde mental. Esse espaço discursivo inclui, particularmente, o campo literário digital — como comunidades de leitores em plataformas sociais — e os embates em torno do subgênero dark romance, frequentemente associado à romantização de abuso, incesto e relações assimétricas de poder.

Como já dito anteriormente na introdução, os *dark romances* mudaram muito ao longo dos anos, e a principal mudança se deu no alvo da violência do protagonista masculino e par romântico da protagonista feminina, o qual perdeu o papel de “protetor” e começou a ser retratado como um “predador”, por exemplo, o trecho retirado da sinopse do livro “Assombrando Adeline” presente na página da Amazon⁶:

Eu não queria me apaixonar. Mas agora que aconteceu, não consigo ficar longe. Estou hipnotizado pelo sorriso dela, por seus olhos e pelo jeito como ela se move. Pelo jeito como ela tira a roupa. Vou continuar observando e esperando. Até eu conseguir torná-la minha. E assim que ela for minha, nunca irei deixá-la ir. Nem mesmo se ela implorar por isso. (Carlton, 2022).

Contudo, apesar dessa mudança ser um tema muito interessante, ele não é o nosso foco, mas, sim, o que os internautas da comunidade de leitores do X tem a dizer sobre este gênero, o que eles enunciam, com a intenção de achar seus sujeitos, espaços e tempos. Utilizamos neste trabalho enunciados curtos, contendo, no máximo, um parágrafo. Alguns, como o da próxima figura, contém imagens e conversas entre diferentes sujeitos, nas quais um tweet responde a outro. E, aproveitando a explicação acima, trago o primeiro enunciado a ser analisado:

⁶ Disponível em:

https://www.amazon.com.br/Assombrando-Adeline-H-D-Carlton-ebook/dp/B0BGMLX5X9/ref=sr_1_1?crid=XUTLJF97DRY4&dib=eyJ2IjoiaMSJ9.N1dzJwKqlhSplK-211Rxfl84QcO9j5Av5YMoigyRAJ1kq0Z-4FLv8j92N73ayDPE2Pfs5XR4lhP5MzyJ8m_IL0T4JysQD6glZw65hpYKsf5cD197aKqVrU5mn1wbTQVfW0LxImuTiTeqn-nuTq7-LGcux7aHs6g9QcZH8810tKmmxBQiGp9ftNlCFIPEuh0Kqq9tPc0wDdoeelb8PXAOBbWEpNTI_bSDAyukgjtukY.WbpFzIpsdYpk8ofFDDkrxMuBzYPB2GG8SIYbiYqgtg&dib_tag=se&keywords=assombrando+adeline&qid=1765382169&prefix=ass%2Caps%2C243&sr=8-1

Figura 2 - *Tweet sobre Dark Romance*



Disponível em: <https://x.com/rosogrid/status/1823054892292079807>

Na figura, temos dois *tweets*, o primeiro (realizado pelo perfil “stxupzon”) traz capturas de tela nas quais algum enunciador que, embora não esteja diretamente inserido na conversa, participa dela enquanto recomenda um livro e, para isso, nos conta um acontecimento da história: “Os pais dela não conseguem engravidar, então o seu pai vai no quarto dela... ele quer engravidar ela enquanto a mãe observa.”

Mesmo não sabendo quem escreveu essa recomendação e publicou essas capturas de tela, sabemos que, diferentemente dos demais enunciadores da figura, esta pessoa — chamaremos ele de enunciador 1 para manter o texto claro — não somente apoia tal gênero, mas contribui com a sua perpetuação, a perpetuação de um discurso no qual crimes como o incesto são romantizados. Distancia-se de romances “clichês” e aproxima-se não de um campo “moralmente duvidoso” — como muitas leitoras de dark romance classificam os personagens masculinos —, misterioso e “atraente” para as mulheres, mas daquilo que vai de encontro com o masculino, com o incesto que protagonizou e protagoniza a pornografia consumida até os dias atuais. É um sujeito que concorda com esse discurso e vê nele um ideal romântico.

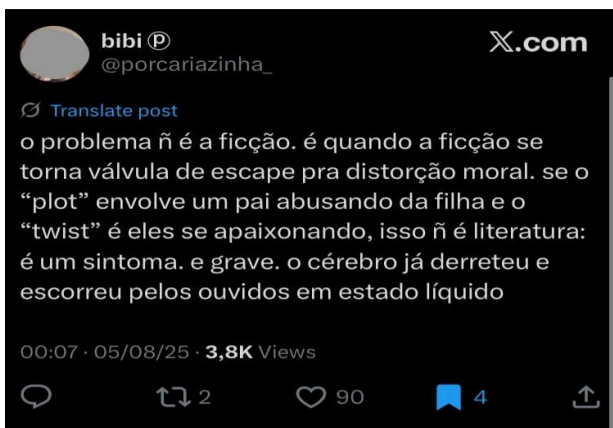
Em contrapartida, a(o) dona(o) do perfil “stxupzon”, enunciador 2, com o seu enunciado “não é possível que alguém leia isso”, coloca-se em um local e, conseqüentemente, em uma formação discursiva, completamente diferente do enunciador 1. Ao dizer “não é possível”, ele se distancia daqueles que leem esses livros, é um sujeito que não concorda com o que está ali, vem de um lugar no qual é difícil de acreditar as pessoas leiam e contribuam com tal violência, assim, diminuindo tais leitores e colocando-se como superior a eles.

Outro elemento utilizado em sua frase foi o pronome “isso” para se referir ao livro recomendado. Ele não disse “não é possível que alguém leia esse gênero/livro” ou até “esse tipo de livro”, mas, sim, “isso”, ele não somente despreza tal situação, como também rebaixa esse conteúdo a algo que sequer merece ser nomeado, para ele, a romantização e erotização desse crime, o incesto cometido por um pai contra sua filha, é absurdo demais para sequer ser chamado de “livro” ou até de “literatura”.

O enunciador 3, por sua vez, não despreza o *dark romance* em sua fala: “Saudades de quando *dark romance* era sobre homens que fariam de tudo por suas garotas e não incesto e violência contra a mulher”, podemos ver que esse sujeito está inscrito em um papel de leitor, de alguém que não apenas conhece o gênero, como já o leu em tempos anteriores, ele é um sujeito nostálgico, que reivindica um passado considerado “melhor” ou “mais aceitável” do gênero, sente falta de quando esses livros tinham uma temática diferente, “[...] era sobre homens que fariam de tudo por suas garotas”.

Ao mesmo tempo em que sente falta do passado, ele atua como um avaliador, dizendo o que pode ou não compor o gênero. Assim, ao dizer que incesto e violência não podem fazer parte desses conteúdos, ele ocupa uma posição de sujeito que age em defesa da mulher, rejeitando essas narrativas que perpetuam a dominação violenta imposta, ele deseja ler conteúdos desse gênero, mas apenas se eles voltarem a ser como eram quando o homem não subjugava sua mulher, mas fazia por ela o que fosse necessário.

Figura 3 - Tweet sobre *Dark Romance*



Fonte: tweet publicado pelo perfil “porcariazinha” em seu perfil da rede social X.

Nessa figura temos um enunciado que, assim como os anteriores, só é possível dentro de um conjunto de discursos contemporâneos que circulam hoje, como os debates sobre representação de violência sexual em produtos culturais e sobre limites éticos da ficção. Essa rede de discursos cria as condições de possibilidade para que alguém diga que certo tipo de enredo não é literatura, mas um “sintoma”.

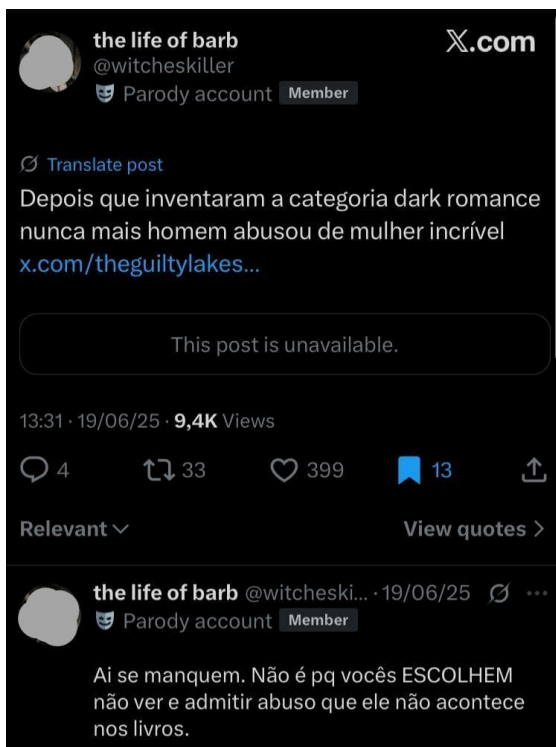
E é dentro desses discursos que este sujeito assume um papel de crítico da moral, afirmando que não é contra a ficção, mas contra seu “desvio”, contra este uso deturpado que traz como “*plot*” — “trama”, em inglês — um pai abusando da própria filha e eles se apaixonando como reviravolta, algo que, segundo este enunciator, não se encaixa no campo da literatura, não pertence a este lugar. Ao fazer isso, ele se coloca no lugar de autoridade, de alguém que pode dizer o que é ficção legítima e ficção moralmente desviada, enquanto denuncia distorções morais e patologias culturais por meio de um vocabulário médico, como a ficção sendo um sintoma de uma doença: o “cérebro derretido” daqueles que escrevem e consomem estes livros.

Assim, do mesmo modo que o enunciador 3 da figura 2, esse sujeito não rejeita a ficção em si, o subgênero *dark romance*, mas sua suposta “distorção moral”, configurando-se como guardião do valor literário, daquilo que cabe no campo da literatura.

Além disso, o enunciado constitui objetos discursivos que não existem previamente à sua enunciação. Ele constrói a ideia de uma “ficção moralmente distorcida”, delimita a noção de “narrativas incestuosas” enquanto problema social e produz a figura do “leitor degenerado”, sugerida metaforicamente pela imagem do “cérebro derretido”. Esses objetos emergem no entrelaçamento entre discursos literários, discursos feministas e discursos morais que circulam na contemporaneidade. Em outros termos, o enunciado opera aquilo que

Foucault denomina como processo de formação dos objetos, no qual certas práticas culturais passam a ser visíveis, inteligíveis e julgáveis a partir do momento que são proferidos.

Figura 4 - Tweet sobre *Dark Romance*



Disponível em: <https://x.com/witcheskiller/status/1935737203658752244>

Como podemos notar pelas figuras aqui expostas, o subgênero *dark romance*, enquanto categoria editorial recente e amplamente disseminada no ambiente digital, tornou-se terreno de disputas sobre a legitimidade moral, responsabilidade do autor e do leitor, e os limites entre representação e apologia.

A figura 4 mostra, mais uma vez, um sujeito crítico, que utiliza a ironia para expor o seu descontentamento, “depois que inventaram a categoria *dark romance* nunca mais homem

abusou de mulher”, criticando a ideia — atribuída aos leitores desta categoria — de que a existência de ficções romantizadas anula ou desresponsabiliza a realidade da violência sofrida pelas personagens femininas nestes livros, como se, por estar dentro de uma história fictícia, um homem abusar, violentar e assediar uma mulher não tem o mesmo peso que na vida real, ali essas ações se tornam algo que pode ser perdoado, esquecido e até ignorado.

Em seu segundo *tweet*, esse sujeito deixa a ironia de lado e passa a ocupar um lugar discursivo que resiste ao discurso violento, denuncia a ingenuidade e/ou negação moral de determinados públicos ao ignorarem tais atos. Ali, essa posição é reforçada de modo direto: “não é porque vocês escolhem não ver e admitir abuso que ele não acontece nos livros”. Por meio desta frase, o enunciador se coloca como aquele que vê e revela, alguém que identifica uma cegueira coletiva e se coloca acima dela, atribuindo para si a função de desmascarar práticas discursivas que negam a presença de abuso nas narrativas enquanto corroboram com o que está acontecendo, voluntariamente colocando a mulher no papel de submissa a seu dominador e abusador. Os abusos estão presentes nestes livros, os leitores escolhem não ver, não lhes é tirado essa opção, é uma escolha feita por eles.

Algo interessante no primeiro enunciado seria, neste caso, a falta de um elemento sintático que indica um lugar. A frase “depois que inventaram a categoria *dark romance* nunca mais homem abusou de mulher” não delimita o espaço, não diz que os abusos “pararam de acontecer” apenas nestes livros, mas cria um efeito de sentido pelo qual podemos entender que, graças à essa romantização e erotização da violência, os abusos estão sendo ignorados também na vida fora dos livros, ultrapassou os limites da literatura, essa romantização fez e está fazendo com que aqueles que leem e gostam desse gênero ignorem estes crimes fora da ficção também.

Figura 5 - *Tweet* sobre *Dark Romance*



Fonte: tweet publicado pelo perfil “boni0013” em seu perfil da rede social X.

Aqui temos também uma “conversa” entre dois internautas, o perfil “raikanzs” e o “boni0013”, enunciador 1 e 2, respectivamente. A primeira postagem afirma: “me julguem mas eu amo essa estética”, acompanhada de um conjunto de imagens que representam cenas de forte conotação de vulnerabilidade feminina, medo, submissão ou simulação de violência sexual, com mulheres amarradas, amordaçadas e seus corpos jogados em um lago, e homens encapuzados. Em resposta, o segundo usuário comenta: “Eu amo essa estética. A ‘estética’: estupro”, expondo uma crítica moral e discursiva ao conteúdo anterior. Apesar de serem dois enunciados distintos, que ocupam lugares diferentes — um resiste à violência e o outro a reverbera — ambos estão relacionados dentro de um mesmo discurso: o da sexualização da violência contra a mulher dentro de determinadas subculturas estéticas online.

Como já foi mencionado anteriormente, para Foucault, o enunciado não é apenas uma frase: é “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis” (Foucault, 2002, p. 98), incluindo condições históricas, regras de circulação e posições de sujeito. Assim, conseguimos compreender que o enunciado “eu amo essa estética” não se refere apenas a um gosto pessoal; ele opera dentro de um regime discursivo que normaliza determinadas representações do corpo feminino e reconfigura violência como uma estética que perpetua a mulher como vítima. O enunciado não descreve, mas produz uma relação com o real, ele torna possível pensar a violência contra a mulher como estilo, como gênero visual, como elemento de atração.

As imagens anexadas com o enunciado — mulheres em situações de medo, submissão ou fragilidade extrema — se inscrevem em um regime de visualidade que associa feminilidade à passividade, infantilização e vulnerabilidade, inferior ao masculino. O uso

dessas imagens intensifica a dimensão problemática do enunciado e evidencia, dentro dessa comunidade digital, a normalização de padrões que aproximam erotização e violência em conteúdos voltados para mulheres. A repetição desse padrão imagético produz sentidos, orienta percepções e reforça as hierarquias de gênero que estão cristalizadas nesse discurso. Mostrando que, neste caso, o enunciado não é apenas verbal: é também imagético. As imagens funcionam como um enunciado visual, que só faz sentido porque há um repertório cultural previamente estabelecido de erotização da fragilidade feminina, muito presente na pornografia e em conteúdos voltados para o público masculino, repertório esse que está sendo muito propagado nos conteúdos do gênero *dark romance*, escritos, em sua maioria, por mulheres e para mulheres.

Em contrapartida, o segundo comentário – “A ‘estética’: estupro” – funciona como um deslocamento dentro do campo do enunciável. Há aqui uma tentativa de rearticular o sentido atribuído à estética: aquilo que era apresentado como belo no enunciado 1 é reinscrito como violência, como um crime, como estupro. Essa enunciação denuncia o funcionamento silencioso do discurso original, tornando explícito aquilo que ele oculta: a naturalização de práticas que remetem à violência sexual. De um lado, um discurso que estetiza a violência; de outro, um discurso que evidencia e condena esse processo. Essa disputa revela que os enunciados não são neutros, mas atravessados por relações de poder.

A circulação desses dois enunciados ocorre dentro de uma plataforma que privilegia a viralização das publicações, curtidas e polêmicas. Desta forma, as redes não apenas hospedam o discurso, mas o moldam. Nesse caso, o dispositivo tecnológico participa ativamente da produção e legitimação desse regime de visualidade que transforma violência em estética, que traz a mulher como corpo capturado por um olhar dominador, cuja função é servir à excitação e ao consumo visual masculino, mesmo que o conteúdo tenha sido publicado por uma mulher para um público feminino, o discurso da superioridade masculina e da violência contra a mulher está tão estabelecido em nossa sociedade que continua presente no imaginário feminino e em seus desejos.

Figura 6 - *Tweet sobre Dark Romance*



Disponível em: https://x.com/Primiciarute_1/status/1911104163317964967

Neste enunciado — “Foda-se os *Dark Romance*, eu gosto mesmo é de um romancelzinho saudável, fofo, em que ele daria o mundo por ela. Quem não gosta desse tipo de romance tá precisando fazer uma terapia, pq não é possível vc gostar de um cara destruindo a vida da mocinha até a morte” — a enunciadora se posiciona dentro do debate que está sendo presente em tudo que foi falado até aqui: a disputa em torno da legitimidade de certos subgêneros literários, neste caso o *dark romance*. Nesse sentido, este enunciado não é apenas uma opinião pessoal, mas um movimento discursivo que opera uma delimitação entre o que deve ser reconhecido como “romance aceitável” e o que é considerado “patológico” ou moralmente inaceitável.

Aqui, a enunciadora “Primiciarute_1” mobiliza uma oposição binária entre romances saudáveis e romances violentos, funcionando como uma prática discursiva que produz um efeito de verdade: a ideia de que preferir narrativas de violência masculina contra mulheres é um indício de desvio, trauma ou necessidade de intervenção terapêutica. A menção à “terapia” não aparece como metáfora, mas como instrumento discursivo que medicaliza o gosto literário, produz uma classificação moral e duvida da sanidade das leitoras, pois, para essa enunciadora, se elas realmente gostam desse conteúdo, é porque deve haver algo psicologicamente “errado” nestas pessoas.

Do mesmo modo que os enunciadores anteriores, o sujeito da figura fala a partir de um lugar de autoridade moral, afirma o que deve ser normalizado e o que deve ser rejeitado, mas traz à tona discursos contemporâneos sobre saúde mental e relacionamentos abusivos. A figura do “homem que destruiria a vida da mocinha até a morte” serve como elemento discursivo que marca o limite do aceitável, ele foge do “tipo de romance” que é saudável em

um relacionamento real e nos livros. O que está em jogo é a própria definição legítima do amor, do romance e do que constitui uma relação desejável ou aceitável para as mulheres leitoras contemporâneas.

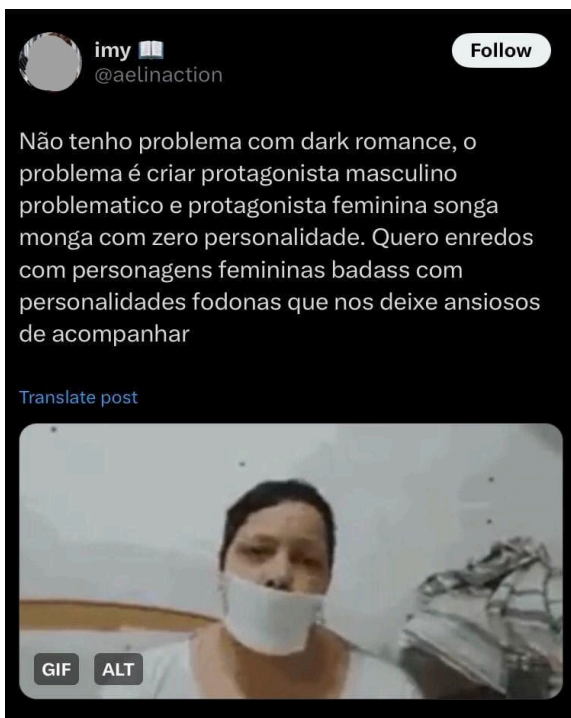
Quando observamos em conjunto os enunciados analisados anteriormente — lamentos sobre a mudança que o *dark romance* sofreu ao deixar de ser um gênero centrado em homens intensamente dedicados às protagonistas para se tornar um espaço de incesto e violência extrema; a ficção se tornando uma “válvula de escape” para a distorção moral; a presença constante de abusos nessas narrativas; e a defesa romances “saudáveis”, “fofos” e moralmente aceitáveis em detrimento do subgênero *dark*— percebemos que eles não constituem manifestações isoladas, mas elementos de uma mesma formação discursiva. Todos eles participam de uma busca por definir o que deve ser reconhecido como romance legítimo e o que deve ser enquadrado como representação problemática, patológica ou socialmente perigosa. Eles compartilham regularidades discursivas: estabelecem fronteiras entre uma ficção considerada aceitável e outra vista como ameaça moral, afetiva e psicológica.

O conjunto dos enunciados analisados evidencia, portanto, um movimento discursivo maior: a denúncia sobre os crimes cometidos contra as mulheres nos livros românticos, e uma tentativa de regular as representações do amor, definindo quais narrativas merecem ser consumidas, quais devem ser repudiadas e quais efeitos morais e psicológicos são atribuídos a cada escolha estética. Assim, a discussão sobre *dark romance* produz uma rede de sentidos que articula moralidade, perigo, violência simbólica, saúde mental e funcionamento de gênero.

Esses enunciados funcionam dentro de um mesmo sistema que não descreve apenas o *dark romance*, mas produz o próprio discurso sobre ele. Eles não refletem a realidade de forma neutra, mas a constroem discursivamente, por meio de regras de formação que determinam como se pode falar sobre amor, violência e desejo no espaço digital contemporâneo, visto que este é o espaço no qual o *dark romance* nasceu e foi propagado.

Por outro lado, achamos relevante trazer também, a efeito de comparação, enunciados nos quais suas opiniões e seus discursos diferem dos já apresentados neste trabalho. Vejamos a figura abaixo:

Figura 7 - *Tweet sobre dark romance*



Fonte: tweet publicado pelo perfil “aelinaction” em seu perfil da rede social X.

Nesse caso, o sujeito se posiciona não como alguém que rejeita o gênero, mas como leitor(a) autorizado(a) a reivindicar novos padrões de representação — especialmente de gênero — dentro do campo literário. Mas, diferentemente dos enunciados anteriores, este não deseja retirar a violência presente no comportamento masculino, mas, sim, o comportamento feminino. “[...] o problema é criar protagonista masculino problemático e protagonista feminina songa monga com zero personalidade.” O enunciador deseja retirar a passividade das protagonistas, como se a culpa pelos abusos sofridos viesse da “falta de personalidade” delas, não do homem violento.

O que está sendo produzido discursivamente aqui é a tentativa de uma normatividade do que significa ser uma protagonista feminina, alinhada a discursos feministas e empoderadores. Mas esse empoderamento continua reverberando a dominação masculina e o discurso inferiorizante, visto que o único objetivo dessa mudança é mudar a mulher, fazer com que a sua nova personalidade a impeça de sofrer violência de gênero, porque o homem continuará tentando colocá-la em uma posição submissa. Aqui, não é o abusador que deve mudar, a sua pessoa problemática será mantida, ao invés disso, é a mulher enquanto vítima que precisa se fortalecer, ela só está neste lugar porque é, nas palavras deste sujeito, “songa monga com zero personalidade”.

Por fim, observemos nosso último *tweet*:

Figura 8 - Tweet sobre *dark romance*



Disponível em: <https://x.com/feralBLmommy/status/1881835586811756739>

O enunciador aqui assume uma posição de sujeito específica, que fala a partir de uma identidade leitora familiarizada com obras que normalizam assassinato, crimes graves e comportamentos abusivos, mas que, ao mesmo tempo, estabelece limites morais específicos — neste caso, a traição amorosa. A estrutura discursiva aqui é marcada pelo humor e pela hipérbole, mas o funcionamento do enunciado ultrapassa a dimensão cômica: ele revela uma tolerância seletiva que se tornou socialmente compartilhável dentro da comunidade leitora de *dark romance*. O uso de “aii kkkkkkk” não é apenas um marcador afetivo, mas um operador discursivo que tenta suspender momentaneamente julgamentos morais rígidos através do humor. Neste enunciado, o sujeito negocia normas, subverte valores estabelecidos e, paradoxalmente, reafirma limites ao enunciar aquilo que se diz tolerar.

Ao mesmo tempo, evidencia uma lógica de “hierarquização moral ficcional” que só se torna inteligível porque circula em uma formação discursiva na qual a violência extrema em romances é tratada como elemento estético e não como transgressão ética real. Contudo, a traição — um ato muito menos grave do ponto de vista jurídico — é construída discursivamente como intolerável. Isso emerge do campo dos afetos e não da moral social tradicional: nos romances, a fidelidade emocional é tratada como núcleo simbólico inviolável, enquanto a violência física pode ser estetizada e incorporada à trama. O humor, nesse caso, não impede que o discurso revele hierarquias morais internalizadas: certas práticas gravíssimas são “aceitáveis” como piada, enquanto uma infração moral (a traição) é apresentada como limite absoluto. Tal lógica está muito presente em nossa sociedade, principalmente em um país marcado por invasões portuguesas e presença de jesuítas que

ensinavam um discurso no qual "O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (1 Coríntios 13:7) e o divórcio é algo abominável, exceto quando alguém for vítima de imoralidade sexual, neste caso, o adultério, "Também foi dito: 'Quem se divorciar da esposa deverá conceder-lhe um certificado de divórcio'. Eu, porém, lhes digo que quem se divorcia da esposa, exceto por imoralidade, a faz cometer adultério. E quem se casa com uma mulher divorciada também comete adultério" (Mateus 5:31-32).

Além disso, esse enunciado dialoga com os anteriores ao reforçar uma contradição frequente nos discursos sobre *dark romance*: a coexistência entre crítica moral e consumo prazeroso de narrativas violentas. Se nos enunciados anteriores predominava a condenação da violência, neste há uma espécie de “naturalização lúdica”. O sujeito reconhece e ocupa essa dupla posição: leitor que sabe que o conteúdo é problemático, mas que participa voluntariamente da lógica estética do gênero. Ignorando que nesta “estética” há a presença de diversos crimes violentos contra a mulher cometidos por seu interesse romântico.

A escolha de elementos como assassinato, latrocínio e toxicidade não deve ser lida apenas como exagero humorístico, mas como índice das representações normalmente encontradas no *dark romance*. O enunciado não descreve crimes reais; ele opera dentro de uma matriz discursiva específica que tematiza violências ficcionalizadas como forma de prazer narrativo. Assim, a frase é possível — e inteligível — apenas porque é produzida em um contexto no qual práticas discursivas sobre o gênero já estabeleceram que extremos ficcionais podem ser comentados, ironizados e comparados sem que isso seja interpretado como defesa dos atos mencionados por seus leitores. Eles perpetuam o discurso estatizado da violência contra a mulher ao decidirem ignorar e aceitar que estes crimes sejam cometidos em nome da ficção.

CONCLUSÃO

Em conclusão, neste trabalho buscamos analisar os diferentes enunciados presentes na rede social X sobre o subgênero *dark romance* e como os diferentes sujeitos veem a violência contra a mulher que é ilustrada e propagada nestes livros. Para isso, utilizamos conceitos importantes da Análise do Discurso, como a própria noção de discurso, sujeito e de enunciado, este último com base em Michel Foucault.

Pretendeu-se, assim, colaborar com a discussão ao trazer como objeto de estudo enunciados sobre o subgênero *dark romance*, que embora bastante propagados nas redes sociais e comunidades de leitores, ainda não haviam sido objeto de pesquisa acadêmica.

As análises permitiram observar que, mesmo sendo um conteúdo escrito por mulheres e voltado para um público majoritariamente feminino, a presença de discursos violentos e abusivos ainda é muito forte. À luz de Bourdieu (2002), conseguimos entender que essa persistência da dominação masculina é algo que já está cristalizado interiormente nessas mulheres, mesmo se tratando de algo que as coloca em um lugar de submissão e vitimização, elas perpetuam essa violência simbólica inconscientemente, e ignoram que tais atos fictícios reproduzem uma realidade as inferioriza constantemente.

Pode-se, assim, dizer que foi cumprido o objetivo geral da pesquisa, que era discutir como a violência e dominação masculina são perpetuadas nos livros de *dark romance* através da análise de enunciados realizados por membros da comunidade de leitores da rede social X. Como se observou, a discussão sobre *dark romance* produz uma rede de sentidos que articula moralidade, perigo, violência simbólica, saúde mental e performatividade de gênero. Quanto aos objetivos específicos, verificou-se que:

a) todos os enunciados analisados participam de uma busca por definir o que deve ser reconhecido como romance legítimo e o que deve ser enquadrado como representação problemática, patológica ou socialmente perigosa, mesmo aqueles produzidos por sujeitos que consomem, gostam, aceitam e perpetuam esse conteúdo, visto que, mesmo aceitando toda a violência presente, eles também ditam o que pode ou não aparecer, como “protagonistas com zero personalidade” e traição.

b) como vimos no capítulo 3, dentro da rede social escolhida há diferentes sujeitos que produzem diferentes enunciados, a maioria dos que foram analisados assumem um papel de resistência, colocando-se no lugar de rejeitar a dominação imposta e os crimes que são cometidos e romantizados nestes livros. Eles buscaram nos mostrar o que pode ou não ser enquadrado como uma ficção moral e legítima e o que deve ser considerado um “sintoma” de

uma moral corrompida e de um romance indesejado. Por outro lado, há também enunciadores que não rejeitam as práticas abusivas, criminosas e tóxicas dos protagonistas masculinos, mas culpam as vítimas por estarem nessa posição, perpetuando, mesmo que inconscientemente, a mulher em um local submisso ao homem.

Através da análise realizada, apreendemos que os tweets analisados não podem ser compreendidos apenas como opinião individual, mas como parte de uma complexa rede de saberes e poderes que atravessam a contemporaneidade. Eles integram um campo discursivo que regula práticas culturais violentas, estabelece critérios de normalidade moral e produz sujeitos diferentes a cada enunciação. Nesse sentido, eles revelaram como a moralidade, a sexualidade e a literatura se tornam terrenos de disputa, nos quais se exercem mecanismos de controle e disciplinamento.

O estudo empreendido contribui para a reflexão de como a violência contra as mulheres ainda está presente em nossa sociedade, na literatura, e até nos lugares denominados como “romance”. A análise empreendida, ao revelar diferentes enunciados mostrou como os diferentes discursos circulam nas redes sociais e que eles não possuem um caráter neutro, mas são moldados socio-historicamente.

Importante notar, contudo, que no escopo deste Trabalho de Conclusão de Curso, a necessidade de realização de recortes impede que se façam deduções mais abrangentes, pois apenas oito *tweets* foram contemplados e analisados. É possível, assim, pensar em ampliações dessa pesquisa, abrangendo não apenas enunciados retirados de uma única rede social, mas também de outras como TikTok e Instagram. Ademais, seria possível também pensar na possibilidade de analisar livros específicos do subgênero *dark romance*, e como a dominação masculina está presente em sua constituição e formulação.

Finaliza-se este trabalho com a expectativa de ter contribuído para a reflexão teórica da área e para a ampliação de possíveis objetos de análise para campos ainda não contemplados.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. **Além do tabu e da violência, dark romance explora traumas da sociedade.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/dark-romance-usa-temas-tabus-e-violencia-para-ir-contra-a-mesmice>. Acesso em: 01 de dez. de 2025.
- BARONAS, R. L. (org.). **Análise de discurso:** apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020.
- BÍBLIA. **BKJ:** Bíblia King James. Tradução: BV Books. 2ª ed. Rio de Janeiro: BV Books Editora, 2002.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CARLTON, H. D. **Assombrando Adeline.** [S. I.]: Cabana Vermelha, 2022.
- D'INCAO, M. Â. "Mulher e Família Burguesa". In: PRIORE, Mary Del. (org.). **História das mulheres no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- FALCONI-PIRES, L. M. **O funcionamento do discurso político:** o Twitter na campanha presidencial de 2010. 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2012.
- FALCONI-PIRES, L. M. **Na arena discursiva:** uma análise dos debates eleitorais presidenciais brasileiros. 2017. 145 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2017.
- FERNANDES, C. A.; SÁ, I. de. **Análise do discurso:** Reflexões introdutórias. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- LIMA, A. A. de; HANNA, A. M.; GOMES, A. de M.; SOUZA JUNIOR, A. S. de; ANDRADE, C. L. de; PASSOS, F. da S.; IRMÃO, L. C.; DORNELLAS, M. N. R. O.; BAUMGRATZ, M. dos S.; ANDRADE NETO, O. B. de; NASCIMENTO, P. R. F. do; ARAÚJO, R. M. de. **Discurso, sujeito e enunciado:** implicações teóricas sobre análise do discurso a partir das perspectivas de Foucault. Caderno Pedagógico, [S. l.], v. 21, n. 9, p. e8287, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n9-300. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/8287>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso:** (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003. 110 p.
- MEIO & MENSAGEM. **Pesquisa aponta X como a rede que mais cresceu em acessos no Brasil.** Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/pesquisa-aponta-x-como-a-rede-social-mais-acessada-pelos-brasileiros>. Acesso em: 8 nov. 2025.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

SENKEVICS, A. **O conceito de gênero por Pierre Bourdieu**: a dominação masculina. [S. l.: s. n.], 15 de set. de 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-conceito-de-genero-por-pierre-bourdieu-a-dominacao-masculina> / Acesso em: 21 de nov. de 2025.

